

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa — Rio de Janeiro — Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Correspondência de Raquel de Queiroz com José Olympio

Márcia Cabral da Silva. Professora adjunta da Faculdade de Educação do Estado do Rio de Janeiro.¹

Resumo

Os depoimentos e cartas de Raquel de Queiroz trazem elementos curiosos para a reconstituição do sistema editorial brasileiro: laços de sociabilidade, tramas afetivas, um suposto pacto de lealdade entre a autora e o editor José Olympio ilustram o argumento sublinhado. Este trabalho examina alguma correspondência trocada entre José Olympio e Raquel de Queiroz, visando recuperar os laços de sociabilidade sugeridos. Constitui material de análise parte da correspondência passiva e ativa de José Olympio e colaboradores, doada por ele ao Arquivo Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa.

Palavras-chave

Raquel de Queiroz; José Olympio; correspondência; sociabilidade.

A correspondência trocada entre José Olympio e Raquel de Queiroz ocupa uma volumosa pasta no Arquivo Museu de Literatura Brasileira, da Fundação Casa de Rui Barbosa. Ali, podem ser encontrados postais, bilhetes escritos em guardanapo de restaurante, recibos de pagamento de direitos autorais, recortes de jornais e, em quantidade expressiva, cartas de diferentes períodos, tendo início na década de 30 e se estendendo ao longo do convívio da escritora na Casa, como bem passou a ser conhecida.

Desse vasto material, destacam-se as cartas, por permitirem compreender as múltiplas representações atribuídas ao editor, por meio da voz e do olhar de uma de suas mais íntimas colaboradora. Algumas vezes considerado no papel de companheiro fraterno; em outras, na

¹ Professora doutora em Teoria e História Literária, com tese defendida no Instituto dos Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Campinas. A tese intitulada *Infância de Graciliano Ramos: uma história da formação do leitor no Brasil* vincula-se ao Projeto Memória de Leitura daquela instituição. Atualmente, desenvolvo o Projeto Alfabetização, Leitura e Escrita, na Faculdade de Educação do Estado do Rio de Janeiro, junto ao Departamento de Estudos Aplicados ao ensino, na área de Linguagem.

condição de presidente da empresa ou mesmo na qualidade de grande divulgador da cultura nacional, essas representações vão se conformando e indicando pistas para uma compreensão mais abrangente das malhas que envolvem a micro-história, a história íntima dos sujeitos, e, mais especificamente, a história do livro no Brasil.

É curioso observar que as cartas, como fonte de estudo no âmbito de diferentes disciplinas - a história cultural, a história literária, a história do livro e da leitura - para citar apenas aquelas nos limites deste estudo, surgem como significativo material de análise. Por um lado, permitem recolher fragmentos de uma escrita íntima, quase secreta, uma escrita de si, para usar uma expressão de Gusdorf (1998). Por outro, o destinatário previsto acaba sendo revelado no discurso que o envolve e, por vezes, o questiona. Nesta espécie de jogo entre discursos, se insere também o discurso do pesquisador, com o intuito de participar dessa trama, para o fim de, se possível, desvelá-la.

José Olympio e Raquel de Queiroz no Rio

A década de 30 anuncia tendências promissoras para o negócio editorial na cidade do Rio de Janeiro, pólo aglutinador para este ramo de negócio e também para a vida cultural. Hallewell (1998), ao mapear a expansão do mercado livreiro, assinala mudanças do eixo antes concentrado em São Paulo no início do século para a promissora capital. Não é de se estranhar, portanto, que José Olympio tenha percebido esta mudança e se instalado em 1934, na famosa rua do Ouvidor, nº 110.

A atração pelas metrópoles parece ter sido ainda maior entre os intelectuais que viviam nos espaços considerados provincianos. Raquel de Queiroz, evocando momentos do início de sua formação intelectual em entrevista concedida à irmã, Maria Luíza Queiroz, comenta modas e tendências e a representação social da cidade grande para as moças da “província”. “Mamãe sempre sonhou em vir para o Rio – como todas as moças e senhoras daquele tempo – engraçado, hoje as moças da província não têm mais aquele desespero em vir para o Rio(...). O Rio de Janeiro era o paraíso, a cidade maravilhosa”. (QUEIROZ, 1998, p.15-16).

A recepção do romance *O Quinze* pela crítica paulista e carioca nos anos 30 em contraposição à sua circulação no Ceará revela muito da aludida situação de prestígio dos centros, que detinham o capital cultural. É o que conta Raquel de Queiroz:

O Quinze foi publicado em agosto de 1930. Não fez grande sucesso quando saiu em Fortaleza.

Escreveram até um artigo falando que o livro era impresso em papel inferior e não dizia nada de novo.

Outro sujeito escreveu dizendo que o livro não era meu, mas do meu ilustre pai, Daniel de Queiroz. E isso tudo me deixava ressabiada. Morava então no Ceará o jornalista carioca Renato Viana, que me deu os endereços das pessoas no Rio de Janeiro, uma lista de jornalistas e críticos para os quais eu devia mandar o livrinho (...). Em seguida, começaram a chegar críticas, de Augusto Frederico Schmidt (no Novidades Literárias), do escritor Artur Mota, em São Paulo, foram pipocando notas e artigos, tudo muito animador. No Ceará, não. Não me lembro de nenhuma repercussão. Depois quando a coisa virou, é que o livro começou a pegar por lá. (QUEIROZ, 1998, p.31).

Dentre os aspectos comentados pela romancista, destaca-se o ângulo de legitimidade da produção literária pelos agentes culturais, responsáveis, em grande parte, pela recepção positiva de sua obra. Tudo indica que existia na primeira metade do século um caminho bem traçado entre o interior e as metrópoles, visando à circulação da obra literária. Em outras palavras, para que o livro chegasse ao leitor e significasse sucesso de venda, havia de passar na avaliação de críticos, jornalistas, editores, que centralizavam suas ações no eixo de maior prestígio.

Em 1937, Raquel de Queiroz passa a ter seus primeiros títulos editados por José Olympio: *O Quinze*, 1930; *João Miguel*, 1932 e *Caminhos de Pedra*, 1937, iniciando relação de amizade e um suposto pacto de lealdade com o editor. A amizade parece ter se estendido à Casa e aos familiares de José Olympio, que ali trabalharam: o irmão Daniel Joaquim Pereira, responsável pelas relações públicas e alçado à condição de compadre da escritora, o irmão Gabriel Athos Pereira, também eleito compadre, a esposa Vera Jordão, dedicada à seleção de obras a serem traduzidas, muitas delas especialmente confiadas à tarefa de tradução da própria Raquel de Queiroz.²

A livraria José Olympio editora: Casa dos escritores

Nesse clima familiar em que se desenvolveu a Livraria José Olympio Editora, chamam atenção as denominações afetivas registradas por Villaça em seu estudo sobre o

² Raquel de Queiroz rememora que foi tradutora da maior parte das obras de Dostoievski, editada pela José Olympio e nessa função acabou se afinando também com a língua inglesa com a qual, de início, não tinha muita familiaridade. Trabalhava em média 8 a 10 horas por dia nessa função, o que lhe rendeu vantagens financeiras (QUEIROZ, 1998, p. 187).

editor (2001): “Casa acolhedora, Casa bem nossa, Casa dos escritores, Casa da literatura brasileira, a Casa Grande de nossa cultura, uma genuína Casa do Brasil” (p.40). É notável que representações semelhantes sejam corroboradas por Raquel de Queiroz em suas memórias:

A casa, como a chamávamos, chegou a ser a mais cobiçada editora do país: ela que lançou primeiro a mim e depois a onda toda dos nordestinos. Mas foi a loja, a Livraria José Olympio propriamente dita, situada à rua do Ouvidor 110 (no tempo o coração do Rio), que se tornou o ‘point’ preferido dos intelectuais mais famosos, dos já estabelecidos e dos emergentes. Quem queria ser visto e quem queria nos ver ia às tardes à José Olympio. Ao mesmo tempo a Casa se tornava a editora oficial do citado grupo de nordestinos: Zé Lins, na sua exuberância (a gente dizia que ele escrevia um romance por semana), lançando o “ciclo da cana-de-açúcar”, Graciliano, o mestre, e Jorge Amado, também de obra numerosa, que, segundo me lembro, ficou na Casa alguns anos e só depois foi se abrigar em outras editoras. (QUEIROZ, 1998, p. 186).

A Casa talvez simbolizasse uma extensão da forma por meio da qual os autores mais próximos de José Olympio e da empresa com feição familiar os concebiam. É o que revelam trechos extraídos da correspondência entre Raquel de Queiroz, José Olympio e os compadres Daniel e Athos, ao longo de um convívio duradouro – José Olympio teve exclusividade sobre os direitos de edição da obra da escritora durante mais de cinquenta anos de plena atividade da Casa, conforme Raquel rememora (QUEIROZ, 1998).

(Postal)

Brasil Turístico
Fortaleza –CE
23-3-77

José, muito bem, muito bem! Como diz o Arrelia. Deus seja louvado.
Aqui vamos bem, saúde e alma. O sertão está lindo.
Conto estar aí em maio, dia 1º. Meus afetuosos abraços de Oyama.
Rachel

(Postal)

30-7-87
Queridos compadres
Aquele abraço.
Paris está lindo, começo de outono.
E o Beaujolais novo ótimo.
Saudades e beijos.
Raquel

As saudações dirigidas ao editor, “José”, em meio aos “afetuosos abraços”, e aos “queridos compadres”, nos postais enviados pela escritora, são exemplares dos estreitos laços de sociabilidade por onde caminharam amiúde negócios e amizades.

Raquel de Queiroz, José Olympio e os negócios.

Contudo, a correspondência examinada deixa também deduzir momentos em que os negócios falavam bem mais alto, afinal os escritores são pessoas de carne e osso, que precisam de remuneração garantida para sobreviverem. Observe-se o tom da carta enviada por Raquel de Queiroz à comissão editorial da José Olympio, no ano de 1976:

Ministério da Educação e Cultura
 Conselho Federal de Cultura (papel timbrado)
 Rio, 20-1-76

Meu caro Daniel,

Já de uns três anos para cá temos conversado a respeito da reedição do meu teatro – “Lampião” e a “Beata Maria do Egito”, publicados pela nossa Casa – “Lampião” em 1954 (2ª edição) e o “Beata” em 1958.

Devido aos problemas que todos conhecemos, não pode a Editora dar seguimento aos projetos de reedição comigo. Combinamos e o fomos adiando até ocasião mais oportuna.

Você sabe que eu não sou dada a fazer encômios à minha obra literária – antes pelo contrário; mas você sabe também que considero essas peças, especialmente a Beata, com um carinho muito especial, talvez de tudo que escrevi, o que eu sinto mais próximo de mim.

Acontece que tenho sido procurada por outra editora, interessada na edição das peças; e, assim, venho lhe perguntar se, dentro dos termos do meu contrato, a Casa se interessa ainda por essa reedição.

Há ainda que falar dos outros livros esgotados há anos – “Caminhos de Pedras”, cuja última edição é de 1967; e o “Menino Mágico”, este, segundo fui informada e você sabe, de boas possibilidades na área do livro para-didático, muito carente de livros de tal tipo, para a faixa escolar infanto-juvenil.

Já estou em trabalhos adiantados na seleção do novo livro de crônicas, atendendo à solicitação pessoal que me fez o nosso presidente José Olympio.

Muito grata lhe ficaria se você me respondesse a todas essas indagações; e acredite na velha, fiel e fraterna amizade de sua amiga. Raquel

O tom da carta permite inferir problemas de reedição que a escritora optou apenas por fazer alusão: “Devido aos problemas que todos conhecemos, não pode a Editora dar prosseguimento aos projetos de reedição comigo”.

Em realidade, a partir de 1974, a editora José Olympio passa a enfrentar crise financeira, tendo que abrir mão da autonomia gozada nos anos 30 na escolha de autores a serem lançados, coleções e linha editorial. Fora o momento de negociar empréstimo junto ao então BNDE e estabelecer novo conselho editorial para contornar os sérios problemas financeiros. (HALLEWELL, 1985). É possível que Raquel de Queiroz, naquela fase, estivesse fora das prioridades da Casa no que diz respeito às reedições. Não é difícil perceber que as exigências da escritora estão relacionadas não somente a reedições de seus livros tidos como os mais estimados por ela como também à sua inserção no promissor mercado escolar de literatura infanto-juvenil, com *O Menino Mágico* (1969).

Mas Raquel de Queiroz talvez não tivesse tanto do que se lastimar. Afinal, apesar da acentuada crise financeira que rondava a editora, documento redigido pelos administradores da Casa promete resposta bastante favorável àquelas suas indagações:

Livraria José Olympio
Rio de Janeiro, G.B
Cep: 20.000

Rio, 26/01/76
Para: Sr. Lidelmo Terra
De: Harry Costa

Em resposta as cartas de Raquel de Queiroz ao Sr. Daniel Pereira, cabe-me informar:

Cem Crônicas Escolhidas – vamos pedir reedição sem nenhum problema;
Menino Mágico – venda certa. Está inscrito no I.N.L. por sugestão do Sr. Daniel. Se ele concordar, podemos reeditar com o I.N.L;
Lampião e A Beata Maria do Egito – devem ser reeditados, na minha opinião, em um só volume.

Agradece
Harry Costa
C/C Sr. Daniel Pereira

Já o fato da escritora estar sendo sondada por outra casa editorial, conforme registrado em sua carta, pode ter sido real ou não, mas é preciso reconhecer o forte caráter sedutor desse discurso junto às relações públicas da Casa. “Acontece que tenho sido procurada por outra editora, interessada na edição das peças”. Afinal, a editora corria o risco de perder a exclusividade de publicação dos títulos de Raquel de Queiroz, que em catálogo de 1949, ganhara destaque entre os romancistas cearenses editados pela José

Olympio. Ali, anunciavam-se *As três Maria*, em sua segunda edição e laureado com o prêmio Felipe de Oliveira³, além de três romances reunidos em um só volume: *O Quinze*, “grande livro de estréia”, *João Miguel* e *Caminho de Pedras*. Um livro de crônicas e reminiscências, em vias de lançamento, fecha a página do catálogo: *A Donzela e a Moura Torta*.

Era tal o prestígio de Raquel junto à editora que, em outra página do mesmo catálogo, tem um novo romance recomendado, *Maria Bárbara*, para 1949, entre o lançamento “de grandes romances brasileiros”, em que se destacavam autores como Lucia Miguel Pereira, Luis Jardim, Dinah Silveira Queiroz e José Lins do Rego.

Embora ao final da carta a escritora não se descuidasse da menção à “velha, fiel e fraterna amizade”, prevalece o discurso cerimonioso de quem tem deveres a cumprir e as exigências de natureza comercial: “Já estou em trabalhos adiantados na seleção do novo livro de crônicas, atendendo à solicitação pessoal que me fez o nosso presidente José Olympio. Muito grata lhe ficaria se você me respondesse a todas essas indagações”.

Raquel de Queiroz, os compadres e os amigos

Mas, em meio a um balanço dos momentos de sucesso e aqueles mais complicados de sua trajetória de escritora e tradutora, José Olympio é quase sempre lembrado como companheiro fraterno e, para Daniel, reserva o espaço de confidente e compadre, assim como também recorda as suas relações bem próximas com o outro irmão de José Olympio, o compadre Athos:

Quando publiquei *O Quinze*, por conta própria em Fortaleza, papai pagou dois contos e quinhentos à Tipografia Ucrânia, cujo proprietário era um sujeito alto e ruivo, a quem chamávamos Camarão. Creio já ter contado antes que, ajudada por Antônio Sales e Renato Viana, mandei o livro para personalidades do Rio de Janeiro e São Paulo e, para surpresa minha, logo tive o troco não só os artigos elogiosos de Alceu, de Schmidt, como um telegrama da Editora Nacional, em São Paulo, propondo fazer uma segunda edição (a primeira edição, modestíssima, em papel ordinário, só de mil exemplares, é hoje, por incrível que pareça, objeto de colecionadores, que pagam um

³ Conforme lembra Graciliano Ramos na crônica, *Prêmios*, de agosto de 1939, a época fora expressiva em concursos literários. Destacavam-se os prêmios de literatura infantil, conferidos pelo Ministério da Educação, os da Sociedade Felipe de Oliveira, os conferidos pela Fundação Graça Aranha, o prêmio Machado de Assis por parte da Editora Nacional, o Lima Barreto da Revista Acadêmica, o Humberto de Campos organizado pela Editora José Olympio, dentre outros. (RAMOS, 1976, p.197).

bom dinheiro por um dos raros exemplares que sobrevivem). Essa segunda edição, da Editora Nacional, creio que de cinco mil exemplares, representou o real lançamento do livro. Antes que ela se esgotasse de todo, recebi uma proposta de um então modesto editor que ocupava, na época, duas ou três salas num edifício da praça XV: a firma usava o nome de José Olympio editor. Aceitei a proposta e daí por diante nasceu uma associação que durou cinqüenta e sete anos, entre mim e José Olympio e seus irmãos Daniel e Athos. Foram eles os meus únicos editores, até que a morte nos separou. Dentro de alguns anos, já não éramos simples editor e editada, mas amigos fraternos, posso dizer irmãos. Nos últimos anos de sua vida, José Olympio deu mania de escrever cartas e me mandava uma de vez em quando, começando invariavelmente por *ma soeur*. Ele dava palpites na minha vida pessoal, lia os meus livros no original, mas aí não dava palpites. Seu respeito pela liberdade do autor era famoso. (QUEIROZ, 1998, p.185–186).

Pode-se observar, em carta de José Olympio a Raquel, de 10 de novembro de 1976, que as lembranças da escritora são confirmadas e o sentimento de grande apreço retribuído: o editor não só se revela profundamente comovido pela passagem dos seus sessenta e seis anos como reitera o importante papel que a romancista passa a assumir na vida doméstica da família Olympio. É o que bem demonstram as manifestações de agradecimento e fraternidade na correspondência transcrita abaixo:

5 ½ da tarde de 10 de novembro de 76

Querida Raquel queridíssima
Ma Soeur,

Hoje dia dos seus gloriosos sessenta e seis venturosos, eu, que faço parte da legião daqueles que te (amam – riscado) te querem bem, eu que muito e muito te devo, quero ainda uma vez, agradecido e comovido, te agradecer, minha querida irmã, seu generoso gesto em favor de meu irmão, que desesperado, correu a você. E correu porque sabia que iria encontrar o apoio que precisava. E, encontrou você sempre perfeita. Nosso Athos mais do que desesperado estava. Nunca me disse. Mas eu o sentia desesperado. Agora, tranqüilo, pode ele conduzir sua vida. Deus te pague, Raquel de Queiroz. Nosso irmão Daniel, seu compadre (vulgo – riscado) Béléu, contou-me, por alto, o que se passou entre você e Athos.

Repito cem vezes: Deus te pague.

Afetuosos fraternos abraços

Do José

PS: As rosas amarelas são suas. Esse...(ilegível) é de você e de Oyama. Não “lo dê, nem lo vendam”, como reza o espanhol refrão; que fique na família em lembrança de um futuro amigo anônimo.

J.O.

Já os palpites na vida pessoal da autora chegavam até a assumir feições de advertência, tal como o faria um irmão mais velho, visando proteger a irmã mais nova dos

tropeços na vida diária. Observem-se o grau de intimidade e o tom de repreensão assumido por José Olympio e dirigido a sua querida “soeur”:

Rio, 19-4-77

Raquel querida.

São 11 horas. Estou acabando de ter conversa séria com Maria Luiza. Sei que não vai adiantar nada dizer a você que venha para receber a homenagem do Roberto Marinho. É pena você não vir...(ilegível).

Mas, pela conversa que tive com Maria Luiza sei que você não virá mesmo.

Não vindo, não venha então para a reunião de maio do Conselho. Como você irá ficar moralmente diante das organizações Globo? Você não pode vir para a festa do dia 28. Então, minha querida irmã, não venha. Isso, acredite, não irá afetar em nada a marcha da sua candidatura. Seus 30 votos estão garantidos. Mas, você não vindo para a homenagem e, em seguida, vindo para o Conselho, dará a maior “rata” da sua vida. Se é que você já deu outras.

Portanto não venha agora em maio para as reuniões do Conselho. Continue “adoentada”.

Fraternalmente,

O seu,

J.O.

Lembre-se que o ano de 1977 teve importância particular para a escritora, quando então, por 23 votos a 15, e um em branco, vencera o jurista Francisco Cavalcante Pontes de Miranda, assumindo a cadeira de número 5, na Academia Brasileira de Letras Torna-se, portanto, a primeira mulher eleita para a legitimada instituição.⁴

De tal modo, os acontecimentos da época trazem algumas pistas adicionais para a reconstituição dos sentidos desta carta. Os conselhos de José Olympio provavelmente seguiam na direção de proteger “a irmã” de possíveis obstáculos a sua candidatura para a Academia de Letras, assegurando-lhe, inclusive, um total de 30 votos, muito embora esse resultado não tenha sido alcançado.

É possível supor, por outro lado, que a escritora, segundo o olhar protetor e experiente de Olympio, deveria evitar constrangimentos, ao recusar homenagens prestadas por uma empresa do porte das organizações Globo. Não obstante as advertências, e por mais que exercesse influência sobre as opiniões da autora, tudo indica que Raquel manteve sua postura de recusar homenagem, “continuando adoentada”.

⁴ Cf. COUTINHO, Afrânio e SOUZA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global; co-edição Fundação Biliboteca Nacional/DNL, Academia Brasileira de Letras, 2001.

A livraria José Olympio editora, lugar de convivência e de trabalho remunerado, parece, afinal, sintetizar-se nas lembranças da escritora, segundo os índices encontrados em parte da correspondência analisada, como porto seguro, espaço afetivo e de grande sociabilidade; o mesmo sentimento pode ser inferido da relação com seu fraterno editor e irmãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATÁLOGO DE OBRAS EM STOCK DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

COUTINHO, Afrânio e SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global Editora; Co-edição, fundação Biblioteca Nacional/DNL, Academia Brasileira de Letras, 2001

GUSDORF, Georges. *Les écritures du moi*. Lignes de vie 1. Paris: Éditions Odile Jacob, 1991.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio de Oliveira. Revista e revisada pelo autor. São Paulo: T.A. Queiroz: editora da Universidade de São Paulo, 1985.

QUEIROZ, Raquel de e QUEIROZ, Maria Luiza de. *Tantos anos*. São Paulo: Siciliano, 1998.

RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *José Olympio: o descobridor de escritores*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2001.